

Prefácio



Os quatro estudos a seguir foram apresentados em março de 1979, inaugurando a série de Palestras de Disdbury da Faculdade Nazareno, nas Ilhas Britânicas, Manchester.

As três primeiras preleções foram apresentadas anteriormente na Faculdade de Teologia de Cardiff, em novembro de 1978. A quarta é uma revisão da palestra apresentada na Biblioteca da Universidade John Rylands, Manchester, em outubro de 1977, sob o título “São João em Éfeso”, foi publicada no Boletim da Biblioteca, edição da Primavera de 1978 (vol. 60, pg.339-361). A reprodução para este livro nos foi gentilmente cedida.

Agradeço aos colegas e amigos de Cardiff e Manchester a oportunidade de realizar essas palestras, e a imensa bondade a mim demonstrada enquanto o trabalho era efetuado. Agradeço também aos amigos da Editora Pater-noster a disposição imediata de publicá-las em forma de livro.

Setembro de 1979.

F. F. Bruce

Introdução



Em maio de 1959, quando fui convidado a me reunir com o Conselho encarregado de nomear alguém para a Cadeira de Crítica e Exegese Bíblica de Rylands, na Universidade de Manchester, o professor S. G. F. Brandon, já falecido, (à época deão da Faculdade de Teologia) perguntou-me em que área, ou áreas, de estudo bíblico eu gostaria de aprofundar minhas pesquisas. Mencionei que a história do cristianismo não-paulino no século I me atraía bastante, provavelmente por que eu havia começado a trabalhar em um comentário sobre a Carta aos Hebreus. Cumpri minha promessa de terminar a obra, e também escrevi um pequeno comentário sobre as Cartas de João. Contudo, nos vinte anos subseqüentes encontrei-me prestando cada vez mais atenção aos estudos de Paulo, com os quais continuo profundamente envolvido. Mesmo assim, estudar o cristianismo paulino exige que voltemos nossa atenção para o cristianismo não-paulino. Os escritos do apóstolo Paulo mostram claramente que outras apresentações da mensagem cristã eram correntes durante seu ministério apostólico. Algumas dessas apresentações satisfaziam bastante o apóstolo; no entanto, achou necessário advertir seus leitores a respeito de outras.

As cartas de Paulo são os documentos cristãos mais antigos que temos em mãos. Como tais, são nossas fontes primárias de material para o estudo do cristianismo paulino e do não-paulino. Se isso significa que precisamos examinar, da perspectiva do apóstolo, fases importantes do cristianismo não-paulino e de seus líderes, que assim seja. Temos de aceitar a situação e agradecer o fato de que, no mínimo, podemos observar as coisas pelo mesmo ângulo de Paulo. De outro modo, saberíamos bem menos do que sabemos agora.

Em segundo lugar de importância, junto com os escritos de Paulo, está Atos dos Apóstolos, trabalho posterior que apresenta uma adaptação, para não dizer fusão, do cristianismo paulino e várias formas do cristianismo não-paulino. Devem ser levados em consideração as evidências dos Evangelhos e o restante de documentos do Novo Testamento, além de outras literaturas sobre o cristianismo primitivo.

O que estudaremos nas páginas seguintes não é a literatura e seus méritos, mas os líderes do cristianismo primitivo não-paulino e seus companheiros sobre os quais a literatura fornece evidências indispensáveis.

Capítulo 1

Pedro e os onze



1. Líder dos doze

Os quatro Evangelhos deixam bem claro que, do círculo maior de seguidores, Jesus escolheu doze homens para ser especialmente treinados e estar aptos a participar de seu ministério e continuar como suas testemunhas depois que partisse.¹ Em alguns segmentos do registro sinótico, esses doze foram chamados de “apóstolos”.² O termo grego *apostoloi*, “mensageiros”, provavelmente indica que (igual a sua suposta contraparte hebraica *š̄lībīm*, “agentes”)³ os assim chamados foram investidos de autoridade por aquele que os enviou para realizar a tarefa, e que essa autoridade não lhes era inerente, mas derivada do remetente, e que também não podiam transferi-la a outros. Lucas, entre os evangelistas sinóticos, é quem, de maneira especial, usa esse termo em relação aos doze: no terceiro evangelho e em Atos o termo se aplica quase exclusivamente a eles.⁴ Lucas, no início de seu segundo livro, relata como, quando o grupo perdeu um homem por causa da traição de Judas, os outros entraram em ação e escolheram Matias, que de modo apropriado “foi acrescentado aos onze apóstolos” (At 1.26).⁵

Entre os doze homens, Simão Pedro foi reconhecido

como o líder. Cada evangelista apresenta um retrato diferente de Pedro,⁶ mas todos concordam nesse ponto.

Simão (ou Simeão)⁷ era seu nome próprio: “Simão, filho de João” foi como Jesus o chamou no quarto evangelho (Jo 1.42; 21.15-17). Em Mateus 16.17, a forma Simão Bar-Jonas, “Jonas” (*Yōnāh*) pode muito bem ser uma abreviação de *Yōhānān*, “João” e não de seu equivalente hebraico Jonas (*yōnāh*, “pomba”). (Menos provável é a idéia de que Bar-Jonas caracterize-o como membro de uma facção insurgente.)⁸

Pedro (*Petros*) é a forma grega do novo nome que Jesus lhe deu: “Simão a quem deu o nome de Pedro” (Mc 3.16). Entre os evangelistas, apenas João mantém a forma aramaica, que Jesus chegou mesmo a usar quando o irmão de André foi levado a Cristo. “Jesus olhou para ele e disse: ‘Você é Simão, filho de João. Será chamado *Kepha*’” (Jo 1.42).⁹ A forma aramaica *Kepha* não é usada por Mateus no relato da confissão em Cesaréia de Filipos, mas pode ser claramente discernida no grego *Petros* usado pelo evangelista: “Você é Pedro, e sobre esta pedra (*petra*) edificarei a minha igreja” (Mt 16.18). O termo aramaico, assim como sua contraparte hebraica *kēph* (Jó 30.6; Jr 4.29), significa “rocha”; no rolo de Jó, da Caverna Qumran 11, o termo é usado duas vezes como tradução do hebraico *sela* (“rocha” ou “rochedo”) e parece que tem o mesmo significado em vários lugares dos fragmentos aramaicos de Enoque, da Caverna 4.¹⁰ No século V a. C., aparece como nome de pessoa em dois documentos judeus de Elephantina, no Egito.¹¹ Além de sua menção no quarto evangelho, ele aparece várias vezes nos escritos de Paulo, que o prefere em lugar da forma grega *Petros* quando se refere ao líder dos Doze. Tanto João como Paulo, ao escrever em grego, suplementam o termo aramaico com a terminação nominativa masculina grega, e assim *Kepha* se torna *Kephas* (Cefas, na maioria das versões bíblicas).

De acordo com Lucas, foi Pedro quem tomou a iniciativa de escolher um substituto para Judas Iscariotes. Conforme o relato imediato do primeiro Pentecostes cristão, foi Pedro quem se levantou “com os onze”, em Jerusalém, e, na presença de muitos visitantes, deu um testemunho contundente da ressurreição de Cristo (At 2.14s). Se perguntarmos o por que dos outros terem aceitado a liderança de Pedro logo após o doloroso episódio de sua negação pública de Jesus, a resposta pode estar no fato de ele ter sido o primeiro apóstolo a ver o Cristo ressurrecto: “É verdade! O Senhor ressuscitou”, eles relataram no primeiro domingo de Páscoa, “e apareceu a Simão!” (Lc 24.34).

O que Lucas infere com essas palavras é confirmado nos primeiros relatos de Paulo: “Cristo... ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos Doze” (1Co 15.3-5).

2. O que aconteceu aos outros?

B. H. Streeter, no início de seu livro *The Primitive Church* [*A igreja primitiva*], publicado nos Estados Unidos, em 1929, chamava atenção para a pergunta: “O que aconteceu aos doze apóstolos?”.¹² É impressionante a dificuldade para responder a isso, principalmente se considerarmos a importância que eles tiveram no registro do evangelho e na comissão que receberam do Cristo ressuscitado de ser suas testemunhas e fazer discípulos entre as nações.¹³ Pressupõe-se que, até certo ponto, eles cumpriram a tarefa, mas até onde as evidências históricas comprovam, esse cumprimento ainda continua quase que inteiramente sem registro nenhum.

A segunda parte do relato que Lucas faz do início do cristianismo não justifica o título tradicional “Atos dos Apóstolos” — menos ainda a nomeação errada pela qual, no fim do século II, ele é designado no cânon muratoriano:

“Atos de *todos* os Apóstolos”.¹⁴ O compilador do citado cânon provavelmente tinha uma razão dogmática para seu exagero, e talvez essa razão estivesse por trás do título tradicional. Na verdade, o trabalho em questão relata *alguns* atos de *alguns* apóstolos¹⁵, e a Paulo, o missionário cujas atividades ocupam seu maior número de páginas, o livro não confere o título “apóstolo”. (Nas duas ocasiões em que o termo *apóstolo* é usado em relação a Paulo, ele aparece no plural, referindo-se a Paulo e Barnabé juntos.)¹⁶

Após a lista dos onze, que aparece no início de Atos (1.13), somente três apóstolos são mencionados novamente: Pedro, Tiago e João — os três aparecem aqui e nos sinóticos (ou seja, no de Marcos) como se formassem um círculo menor dentro do grupo dos Doze. A lenda é mais do que o desejo de relatar o que aconteceu aos outros, como comprovam diversos livros apócrifos de “Atos”, que surgiram a partir da segunda metade do século II, trazendo os nomes de André, Tiago e outros. No entanto, é praticamente impossível extrair algum dado histórico desses livros.

Posteriormente, dos apóstolos mencionados nos Atos Lucanos, Tiago de Zebedeu só aparece no relato de sua execução por Herodes Agripa I, por volta de 41-44 d. C. (At 12.2). Seu irmão, João, aparece ao lado de Pedro na cura do coxo à porta do templo em Jerusalém, logo após, no Sinédrio (At 3.1-4.22) e na visita apostólica aos samaritanos (At 8.14-25). Depois, ele desaparece do relato de Lucas. Os primeiros capítulos de Atos falam muito mais sobre Pedro, mas ele também desaparece repentinamente, depois de escapar da prisão de Herodes Agripa, e, após dar a boa notícia aos irmãos que estavam reunidos na casa de Maria, mãe de João Marcos, vai “para outros lugares” (At 12.6-17) — além de sua participação no Concílio de Jerusalém (At 17.7-14), mais tarde mencionada por Lucas. No entanto, o escritor depende de

outras fontes. (É bom esclarecer que nestas páginas a menção a “outras fontes” de Lucas não define se eram orais ou escritas.)

3. “Para conhecer Cefas”

Se colocarmos as referências que Paulo faz de Pedro em sua aparente seqüência histórica, a mais antiga é sua afirmação em Gálatas 1.18 de que, três anos após sua conversão, ele subiu a Jerusalém (evidentemente de Damasco) “para conhecer Cefas”.

Essa afirmação (do grego *hístoresai Kephán*) tem gerado muita discussão.¹⁷ Paulo, com certeza, queria conhecer Pedro (esse é o significado do verbo *hístereo* no grego helenista), contudo, depois de sua conversão, esse não foi o único objetivo de sua primeira visita a Jerusalém. Ele também queria “inquirir” a Pedro (que é o sentido clássico do verbo) e obter informações que ninguém mais estava capacitado a oferecer. Obter informações era bem diferente de receber de Pedro alguma autoridade. Paulo havia acabado de insistir que seu evangelho e sua comissão de pregá-lo aos gentios vieram diretamente do Senhor, sem mediação de quem quer que fosse.¹⁸ Contudo, Pedro, no geral, teria muito a lhe informar sobre o ministério e os ensinamentos de Jesus e, em particular, sobre sua ressurreição. Ninguém precisava esclarecer a Paulo que Jesus era o Senhor ressuscitado. Isso lhe ficou claro no confronto da estrada de Damasco. Paulo, com certeza, explicaria a Pedro como o Senhor ressurto lhe havia aparecido naquela estrada,¹⁹ mas Pedro poderia lhe contar como o mesmo Senhor ressurto havia *lhe* aparecido antes disso. Quando Paulo relembra aos cristãos de Corinto os fatos básicos do evangelho, incluindo um resumo das aparições do Senhor após a ressurreição, ele afirma que Jesus se mostrou primeiro a Pedro (1Co 15.5.). Que Paulo tenha obtido essa informação em sua primeira

visita a Jerusalém, logo após se converter, não só é provável como é confirmada pelo fato de que a única outra pessoa mencionada como tendo visto o Senhor ressuscitado (1Co 15.7), é o único líder em Jerusalém com o qual ele afirma ter conversado na referida visita (Gl 1.19).²⁰

O Senhor ressurrecto, depois de ter aparecido a Pedro, mostrou-se “aos doze” (1Co15.5); todavia o fato de ele primeiro ter aparecido a Pedro é importante. Isso pode (como já foi sugerido) explicar sua posição de liderança entre os apóstolos logo no início da igreja. Na verdade, aparentemente Pedro exerceu liderança entre os companheiros mesmo durante o ministério de Jesus. No entanto, os discípulos poderiam ter achado que, a partir do momento, em que ocorreu o episódio no terraço do palácio sacerdotal — quando Pedro negou a Cristo — seu direito de liderança tivesse cessado.²¹ Os quatro evangelistas indicam, de maneiras distintas, que foi vontade do próprio Cristo que Pedro exercesse o papel de líder. Marcos relata que as mulheres que, logo cedo no domingo de Páscoa, se dirigiram ao túmulo de Jesus foram enviadas para “contar aos discípulos e a Pedro: ‘Ele está indo adiante de vocês para a Galiléia’” (Mc 16.7). A menção especial a Pedro é significativa. Mateus apresenta a frase: “Você é Pedro” (Mt 16.18), que não é encontrada nos outros evangelhos. Pode existir um significado simbólico também no incidente (apenas relatado por Mateus) em que Jesus agarrou Pedro e colocou-o a salvo, quando ele estava “começando a afundar” (Mt 14.28-32). Lucas relata que Jesus advertiu Pedro de seu fracasso, mas acrescentou: “Mas eu orei por você, para que sua fé não desfaleça. E quando você se converter, fortaleça os seus irmãos” (Lc 22.31s.). Por fim, João, em seu epílogo, logo após a ressurreição, afirma que Pedro foi comissionado novamente por Jesus, no lago de Tiberíades, para apascentar suas ovelhas (Jo 21.15-17).²²